

VIVER O FUTURO, REFORMULAR O PRESENTE

Toda época projeta seus futuros. Alguns se anunciam como promessa de continuidade, outros como advertência. No contexto contemporâneo, vivemos um tempo que exige de nós a reinvenção dos modos de habitar o planeta e de nos relacionar com todas as formas de vida. As transformações sociais, climáticas e tecnológicas em curso desafiam nossas estruturas de pensamento e formas de organização coletiva, revelando que os modelos que trouxeram a humanidade até aqui talvez não nos levem adiante. Diante de crises que não são apenas ambientais, mas também políticas, éticas e imaginativas, torna-se urgente recolocar perguntas e práticas sobre o que entendemos por desenvolvimento, bem-estar e progresso.

É nesse horizonte que esta edição da *Revista do Centro de Pesquisa e Formação* se insere, propondo reflexões sobre os desafios e soluções para um futuro que fomente vida. Nesse sentido, o campo da sustentabilidade, quando esvaziado de sua complexidade e dimensão crítica, corre o risco de se tornar um conceito protocolar, adaptado aos imperativos de um desenvolvimento que, historicamente, tem produzido exclusão, desigualdades e devastação ambiental.

A proximidade da 30^a Conferência das Partes da ONU sobre Mudança do Clima (COP30), prevista para 2025, em Belém do Pará, intensifica a urgência de revisarmos paradigmas e desenvolvermos ações comprometidas com a justiça climática. Por isso, esta publicação reúne perspectivas diversas – vindas das ciências, das artes, das práticas comunitárias e dos saberes ancestrais – para reposicionar a ideia de sustentabilidade em sua densidade ética, política e cultural.

Para tanto, é imprescindível reconhecer os efeitos nocivos de um modelo de sociedade que se construiu às custas da expropriação de terras, do apagamento de culturas e da exploração de corpos. Ainda hoje, a degradação do meio ambiente segue entrelaçada ao pensamento de que o planeta nos serve com recursos inesgotáveis. É nesse cenário que emergem, na contracorrente, as contribuições de povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, cujas cosmologias apontam para modos de vida centrados na reciprocidade, na interdependência e no cuidado.

Diante desse panorama, o Sesc reafirma seu compromisso com a promoção de uma cultura voltada à transformação social e ambiental, mobilizando suas ações em diálogo com os debates que marcam a agenda climática internacional. Reconhecendo a centralidade da Amazônia nesse cenário, a instituição busca fomentar contextos de diálogo e reflexão, interessada na regeneração de imaginários, vínculos, territórios e futuros, irrigados por dignidade, diversidade e pela potência da vida comum.

Luiz Deoclecio Massaro Galina

Diretor do Sesc São Paulo